



Vasculhando a obra de Ursula K. Le Guin: panorama propositivo de novas leituras

Gabriel Leibold

Colégio de Aplicação da PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9738-5263>

E-mail: gleibold6@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma revisão crítica da recepção brasileira da obra de Ursula K. Le Guin, destacando a predominância de abordagens materialistas e utópicas em sua análise, influenciadas por teóricos como Fredric Jameson e Darko Suvin. Ao longo destas páginas, argumento que essa perspectiva limitada ignora a complexidade e os desdobramentos da literatura de Le Guin, que se desdobra em estruturas cada vez mais sofisticadas ao longo de sua carreira. Além disso, aponto a escassez de estudos brasileiros sobre a vasta produção literária de Le Guin, com um grupo restrito de seus romances e contos sendo explorados academicamente, enquanto outras obras relevantes para a sua carreira, como sua poesia e a série de *Terramar*, permanecem majoritariamente negligenciadas pela crítica nacional. Proponho, portanto, uma leitura mais abrangente, considerando outras influências presentes em sua obra — por exemplo, a filosofia taoísta, as cosmovisões indígenas e o anarquismo pacifista, todos assuntos que enriquecem suas narrativas para além do viés utópico. Dessa forma, sugiro que a obra de Le Guin seja lida como uma rede dinâmica, em constante transformação, convidando a uma crítica mais plural e menos fragmentada de seus textos.

PALAVRAS-CHAVE: Ursula K. Le Guin; Crítica literária brasileira; Futuro Ancestral.

Exploring the Work of Ursula K. Le Guin: a proposed overview of new interpretations

ABSTRACT

This article proposes a critical reassessment of the Brazilian reception of Ursula K. Le Guin's work, highlighting the predominance of materialist and utopian approaches in its analysis, both influenced by theorists such as Fredric Jameson and Darko Suvin. Throughout these pages, I argue that this limited perspective overlooks the complexity and the development of Le Guin's literature, which unfolds in increasingly sophisticated structures throughout her career. Additionally, I note the scarcity of Brazilian scholarly studies on Le Guin's vast literary output, with only a select group of her novels and short stories being academically explored, while other works central to her career — such as her poetry and the Earthsea series — remain largely neglected by national criticism. I thus propose a broader reading, one that takes into account other influences present in her work — for instance, Taoist philosophy, Indigenous cosmologies, and pacifist anarchism — all of which enrich her narratives beyond the utopian lens. In this way, I suggest that Le Guin's work should be read as a dynamic, ever-evolving network, inviting a more plural and less fragmented critical engagement with her texts.

KEYWORDS: Ursula K. Le Guin; Brazilian literary criticism; Ancestral Future.



O percurso deste artigo toma por início um desvio, originado não na autora sob cuja obra irei me debruçar, mas antes em um ensaio brasileiro de 1969, intitulado “A Retórica da Verossimilhança”, no qual o professor e pesquisador Silviano Santiago propõe uma nova forma de olhar para os textos literários, jornalísticos e críticos de Machado de Assis. Essa reavaliação da obra do autor sob um olhar mais abrangente foi central, na época, para avançar alguns dos debates internos à fortuna crítica machadiana. Observando a estagnação do debate em torno da obra de Machado, então restrito a uma crítica cuja perspectiva fragmentária acabava por rejeitar alguns de seus primeiros romances enquanto “menores” ou “monótonos” frente aos títulos mais famosos, como *Dom Casmurro* (1899) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Santiago abre seu texto afirmando que

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente, certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob a forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas (Santiago, 2019, p. 31).

Ainda que Santiago não desenvolva essas afirmativas no ensaio acima citado, optando por se debruçar sobre uma análise aguda do ciúme em *Dom Casmurro*, é possível depreender desse parágrafo de abertura uma metodologia crítica muito produtiva para investigar outras escritoras e escritores da cena literária mundial cuja análise crítica das obras também padece de uma estagnação semelhante. Penso naqueles que convidam à leitura e releitura constantes de uma produção literária vasta e diversa. Afinal, não é apenas na obra de Machado que “certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob a forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas” (Santiago, 2019, p. 31). Muito antes, há certas trajetórias na história da literatura que se constroem justamente a partir desse movimento em espiral, segundo o qual retornar a um tema, conceito ou pensamento previamente abordado faz dele uma nova instância de observação.

Sendo assim, nesta breve apresentação, meu intuito é apontar um limite que observo no conjunto da crítica acadêmica brasileira que vêm sendo produzida sobre a obra de Ursula K. Le Guin (1929-2018), compreender o impacto disso no projeto fragmentado de tradução da sua obra e propor uma estratégia ainda pouco explorada de enquadramento crítico para as pesquisas desenvolvidas em torno de seus livros, isto é, a observação de seus textos como uma rede em movimento, lançando-se a cada nova obra para um desdobramento posterior. Logo de início, é preciso salientar uma tendência na recepção da obra de Le Guin que me parece prevalecer no Brasil: a leitura de seus textos sob a perspectiva teórica exclusiva do materialismo histórico, o qual se interessa em analisar criticamente as utopias inscritas em sua literatura.

Feito esse preâmbulo, é preciso também sinalizar que o intuito desta proposição não é desmerecer a tradição crítica do materialismo histórico-dialético como abordagem teórica frente aos textos de ficção científica. Inclusive, há de se reconhecer que boa parte da seriedade no



tratamento da literatura *sci-fi* no meio acadêmico se deve às formulações sólidas de Darko Suvin em *Positions and Presuppositions in Science Fiction* (1988), bem como, mais recentemente, às leituras de Fredric Jameson em seu *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and other fictions* (2005). Sendo assim, não é de surpreender que, na recepção brasileira de Le Guin, formou-se uma tradição hermenêutica de viés materialista, a qual parece ter forte influência dos artigos e das aulas da professora-pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP), Maria Elisa Cevalco.

Em muitos sentidos, essa tradição se estabeleceu em um diálogo crítico mais próximo do gênero literário da Utopia do que da discussão mais ampla da ficção científica como parente histórica da literatura gótica e fantástica. É por isso que o já mencionado teórico Fredric Jameson, no primeiro capítulo de sua obra *Archaeologies of the Future*, propõe que o ponto de partida para o debate teórico sobre os escritores e as escritoras de *sci-fi* investigados em seu livro seja “[...] a distinção entre a forma Utópica e o anseio Utópico; entre o texto ou gênero escrito e algo como um impulso Utópico detectável na vida cotidiana e em suas práticas por uma hermenêutica especializada” (Jameson, 2021, p. 23). O desdobrar dos argumentos de Jameson, portanto, o leva a afirmar que

[...] o autor de [Ficção Científica] está em uma posição de criação divina muito além de qualquer coisa que Agatha Christie ou mesmo Aristóteles poderiam ter imaginado: em vez de inventar um crime de certo tipo, o escritor de [Ficção Científica] é obrigado a inventar todo um universo, toda uma ontologia, todo um outro mundo — muito precisamente, esses sistema de diferença radical ao qual associamos a imaginação da Utopia (Jameson, 2021, p. 175).

Essa visão de Jameson pode até se justificar quando pensamos em um conto como “The Ones Who Walk Away from Omelas”, republicado por Le Guin, em 1975, na sua coletânea *The Wind’s Twelve Quarters*, em que ela reconhece uma certa dívida entre a sua história e o dilema sugerido pelo filósofo William James diante do hipotético esvaziamento das ficções utópicas dos socialistas do final do século XIX como Charles Fourier, Edward Bellamy e William Morris. Uma vez que insisto na percepção de que a tradição materialista da crítica brasileira à obra de Le Guin tem se debruçado, em particular, sobre o gênero Utópico como chave de leitura para suas histórias, não é de surpreender que “The Ones Who Walk Away From Omelas” esteja entre os textos da autora mais citados e interpretados em nossa academia. As exceções mais instigantes se debruçam sobre a relação de cosmovisões indígenas com o debate sobre o Antropoceno trazido à tona em romances como *The Word for World is Forest*, como é o caso dos mais recentes textos da pesquisadora Ana Rüsche (2022).

No entanto, pensar que a escritora de ficção científica estará sempre às voltas, como afirma Jameson, com a obrigação de “inventar todo um universo, toda uma ontologia, todo um outro mundo”, é perder de vista que ela é uma escritora como outra qualquer no sentido que lacunas não totalizantes sempre poderão fazer parte dos seus exercícios de imaginação. Nem toda ficção científica se pretende criadora de mundos monolíticos ou perfeitamente amarrados em seus mínimos detalhes; muitas vezes as histórias *sci-fi* são vislumbres que só se desdobram em minúcias na imaginação de quem as escrevem e descrevem para nós.

Dito isso, cabe ainda apontar que, dos romances de Le Guin pesquisados em teses e dissertações brasileiras nas últimas duas décadas, só figuram três de suas 44 obras de ficção e poesia. Segundo os dados disponíveis na Biblioteca digital Brasileira de Teses e Dissertações, cuja coleta ocorre desde o final de 2002 e reúne o banco de teses e dissertações de 149 instituições brasileiras, somente *The Left Hand of Darkness* (1969), *The Dispossessed* (1974) e *The Word for World is Forest* (1974), além do já citado “The Ones Who Walk Away From Omelas”, aparecem como objeto central entre as 17 pesquisas abordando, direta ou indiretamente, os livros da autora. Observa-se, de imediato, o quão pouco se estudou sobre essa escritora em termos de sua obra como um todo em que, para retomar Silviano Santiago, “à medida que seus textos se sucedem cronologicamente, certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob a forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas” (Santiago, 2019, p. 31). Frente a esses dados, é notável que não haja registro de um só estudo acadêmico brasileiro cuja pesquisa tenha se debruçado sobre as suas extraordinárias coletâneas de poesia ou mesmo sobre sua famosa série de histórias de fantasia, *O Ciclo Terramar* (apesar de que este cenário pode se modificar nos próximos anos, uma vez que a Editora Morro Branco vem publicando, desde 2022, os volumes da série sob tradução de Heci Regina Candiani). A fragmentação desse projeto de tradução, contudo, é parte de um sintoma que poderia ser revisto diante de uma avaliação sobre o rumo dos caminhos aos quais nos habituamos quando pensamos a obra de Le Guin.

O problema que procuro apontar é o de seguir lendo Le Guin apenas como expoente de utopias (mesmo que ambíguas, como nos convida a pensar o subtítulo de *The Dispossessed*, encenação ficcional dos conflitos de um personagem que é fruto de uma utopia anarquista). Em outras palavras, o problema se encontra em subordinar a maior parte dos caminhos de leitura suscitados por suas obras apenas ao parâmetro teórico do materialismo histórico-dialético e das suas interpretações da Utopia. Este é um problema que acarreta perder de vista justamente como certos vieses propostos ao longo de seus livros parecem figurar como desdobramentos de instâncias anteriores, escritas e reescritas ao longo de sua carreira nos seus próprios termos — ora complexificando, ora redirecionando por inteiro ideias sobre liberdade, alienígenas, dragões, imaginação ou humanidade...

Para me ater a exemplos breves, algumas perguntas talvez venham a nos ajudar. Seria possível inferir em Le Guin uma postura exclusivamente anarquista diante do seu processo artístico somente por conta de que no caso do romance *The Dispossessed* ela lida explicitamente com o anarquismo utópico como tema? Parece-me que não. Antes, parece mais interessante pensar como as teorizações sobre anarquismo, que Le Guin declara ter estudado pelos textos de Bakunin e Kropotkin, respondem a uma forma de participação social que a própria Le Guin já vinha pensando a partir de seus próprios caminhos formativos, neste caso, a filosofia taoísta — epistemologia central para um romance como *Planet of Exile*, de 1966; complementar para certos capítulos de *The Left Hand of Darkness*; e cujo livro central, o *Tao Te Ching* de Lao Tzu, ela viria a traduzir para o inglês em 1997. O Taoísmo, afinal, é a filosofia de um autor mítico que pode ter vivido próximo à época de Confúcio e sobre o qual Le Guin irá afirmar, na introdução à tradução dos seus poemas, que fora “[...] sortuda por descobri-lo tão jovem, de modo que pude viver



com seu livro durante toda a minha vida” (Le Guin, 2019a, p. IX)¹. Le Guin, como ninguém, tem orgulho e celebra as influências que lhe fizeram a escritora que ela viria a se tornar.

É por isso que esse movimento se repete na obra da autora. Pensemos em sua tão reproduzida convocação ao receber a National Book Foundation Medal em 2014, na qual Le Guin prevê que, em um futuro próximo, “Nós precisaremos de escritoras e escritores que sejam capazes de lembrar da liberdade — poetas, visionárias — realistas de uma realidade mais ampla” (Le Guin, 2019b, p. 113)². A ela jaz uma ideia de liberdade que, caso ponderada ao lado do conjunto da obra de Le Guin, não se quer informada apenas por uma vertente anarquista da utopia, antes ela nos aproxima também das cosmovisões indígenas de etnias localizadas ao longo do Napa Valley, na Califórnia, com as quais Le Guin conviveu durante sua infância enquanto filha de pai e mãe antropólogos. Tendo isso em vista, qual é a liberdade que Le Guin nos intima a lembrar?

No ensaio “A Non-Euclidian View of California as a Cold Place to be” (1982), ela parece nos oferecer uma resposta quando põe em xeque a noção de utopia conforme imaginada pelo homem branco e europeu, voltando-se aos povos originários do território do Napa Valley — muitos dos quais foram empurrados para o Oeste do continente conforme avançava a corrida do ouro nos Estados Unidos, sendo obrigados a reimaginar sua dinâmica comunitária para sobreviver — para assim pensar uma outra forma de se imaginar o convívio com a diferença, tanto no passado quanto no presente. Le Guin argumenta, portanto, que “a Utopia tem sido euclidiana, ela tem sido europeia, e ela tem sido masculina. [...] a natureza da utopia que estou tentando descrever é tal que se ela há de vir, ela já deve existir em algum lugar” (Le Guin, 1989, p. 88)³. O eco do qual me recorro quando leio essa frase vem da epígrafe do livro *Futuro Ancestral* (2022), escrito pelo ambientalista e líder indígena Ailton Krenak, no qual ele registra uma anedota sob os seguintes dizeres:

Nesta invocação do tempo ancestral, vejo um grupo de sete ou oito meninos remando numa canoa: Os meninos remavam de maneira compassada, todos tocavam o remo na superfície da água com muita calma e harmonia: estavam exercitando a infância deles no sentido de que seu povo, os Yudjá, chamam de se aproximar da antiguidade. Um deles, mais velho, que estava verbalizando a experiência, falou: “Nossos pais dizem que nós já estamos chegando perto de como era antigamente”. Eu achei tão bonito que aqueles meninos ansiavam por alguma coisa que os seus antepassados haviam ensinado, e tão belo quanto que a valorizassem no instante presente. Esses meninos que vejo em minha memória não estão correndo atrás de uma ideia prospectiva do tempo nem de algo que está em algum outro canto, mas do que vai acontecer exatamente aqui, neste lugar ancestral que é seu território, dentro dos rios (Krenak, 2022, p. 5-6).

Deslocar a utopia talvez seja a única forma interessante de mantê-la no escopo de estudo da obra de Le Guin. Assim, tal coletivização da percepção do tempo, passado e futuro, marca de

¹ Original: “[...] lucky to discover him so young, so that I could live with his book my whole life long”. Todas as traduções não indicadas nas referências bibliográficas são de minha autoria.

² Original: “We’ll need writers who can remember freedom — poets, visionaries — realists of a larger reality”.

³ Original: “Utopia has been euclidian, it has been European, and it has been masculine. [...] the nature of the utopia I am trying to describe is such that if it is to come, it must exist already”.

maneira significativa a abrangência da narrativa histórica de um povo. A antropóloga Rita Segato chega a falar que um povo é uma espécie de “sujeito coletivo” (Segato, 2021, p. 92), mas não podemos perder de vista que essa formulação didática da autora não visa apagar o processo de construção de uma herança cultural que é fruto de concordâncias e dissidências. No texto “Cartografias para depois do fim”, Krenak inicia com uma bela passagem de reformulação narrativa do centro de um mundo no contexto global contemporâneo:

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro. Os antigos diziam que quando a gente botava um mastro no chão para fazer nossos ritos, ele marcava o centro do mundo. É mágico que o centro possa estar em tantos lugares, mas de que mundo estamos falando? (Krenak, 2022, p. 31-32).

De quais mundos estará falando Le Guin? De universos inteiros. Certamente muitos dos quais são humanos, ou ao menos humanoides, mas não todos. Ainda assim, a formulação de Le Guin em que a autora encena um povo falando sobre si mesmo e reiterando que “We are the people who live at the center of the world”, acaba produzindo uma reflexão análoga a de Segato e Krenak. O interesse de Le Guin, na realidade, parece se deter antes sobre o caráter compartilhado dessa narrativa.

É no mesmo texto que a autora afirma como “Seres humanos sempre se juntaram em grupos para imaginar a melhor maneira de se viver e de ajudar uns aos outros a seguir um plano” (Le Guin, 2004, p. 208)⁴. Esse plano ao qual ela se refere guarda uma relação íntima com o fato de que um povo costuma pensar não apenas no seu passado, mas também no seu “futuro comum”. Sendo assim, tal direcionalidade do sujeito coletivo pode ser traduzida, nos termos da própria escritora, segundo uma forma particular de escuta aos seus pares no mundo contemporâneo: “O que uma criança precisa, o que todos precisamos, é encontrar alguma outra pessoa que tenha imaginado a vida conforme certas linhas que nos façam sentido e nos permitam alguma liberdade, e deixar que as escutemos. Não ouvi-las passivamente, mas escutá-las” (Le Guin, 2004, p. 209)⁵. Essa escuta ativa, atenta, é o que pode desvelar algum resquício de nossa humanidade comum, ainda que o termo tenha sido esgarçado pelo mau uso. Indo uma vez mais a Krenak, ele pode nos dar uma boa pista sobre o desafio subscrito à ficção científica de Le Guin: “[...] proponho [...] imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (Krenak, 2022, p. 32).

Acontece que o conflito oriundo dessas diferentes histórias de fundação costuma se originar no pressuposto de que o centro de um mundo específico é mais relevante do que outros. Em outras palavras, esse é o sentido por trás da afirmativa de Le Guin naquele ensaio de 1982 quan-

⁴ Original: “Human beings have always joined in groups to imagine how best to live and help one another carry out the plan”.

⁵ Original: “What a child needs, what we all need, is to find some other people who have imagined life along lines that make sense to us and allow some freedom, and listen to them. Not hear passively, but listen”.

do diz que “Um dos nossos mais refinados métodos de esquecimento organizado é chamado de descoberta” (Le Guin, 1989, p. 83)⁶. Não surpreende que uma das preocupações da autora recaia justamente sobre a maneira como a produção de narrativas utópicas sobre o futuro das civilizações do Ocidente marca o centro deste mundo como um lugar acima, ou sobreposto, a outros centro de mundo. Isto é,

[...] quando uma cultura orientada para o futuro se impõe sob uma que é centrada no presente, o método se torna compulsão. Coisas são esquecidas por atacado. O que são os nomes “Costanoan”, “Wappo”? Eles são como os espanhóis chamavam as pessoas no entorno da *Bay Area* e do *Napa Valley*, mas do que essas pessoas chamavam umas às outras nós não sabemos: os nomes foram esquecidos antes mesmo das pessoas terem sido exterminadas. Não havia passado. Tabula rasa (Le Guin, 1989, p. 83)⁷.

Um olhar ficcional incapaz de encontrar a liberdade de encontrar a utopia nessa simultaneidade imaginário entre passado e presente figura no âmago de uma autora como Ursula K. Le Guin. Nesse sentido, ela nos propõe subverter o olhar corrente para uma utopia engessada na tirania eurocêntrica e, no caminho de tal elaboração, permite-nos entrever o taoísmo subscrito ao seu pensamento:

Se utopia é um lugar que não existe, então certamente (como diria Lao Tzu) o caminho para chegar lá é pelo caminho que não é um caminho. [...] O maior elemento utópico do meu romance *The Dispossessed* é uma variedade de anarquismo pacifista, o qual é o mais *yin* que a ideologia política pode chegar. O anarquismo rejeita a identificação da civilização com o estado, e a identificação do poder com a coerção; contrário à violência inerente às sociedades “quentes”, ele afirma o valor de um comportamento tão anti social como a rejeição generalizada do porte de armas para mulheres durante a guerra; dentre outros dispositivos de coite. Nessas áreas, o anarquismo e o taoísmo convergem tanto em matéria como em maneira, e assim eu fui ao seu encontro para brincar com meus jogos ficcionais (Le Guin, 1989, p. 93)⁸.

É de tal maneira, aqui ilustrada pela forma como o anarquismo e o Taoísmo diversificam as nuances do tema da liberdade e dos jogos ficcionais em Le Guin, que as instâncias de encontro entre diferentes vertentes político-filosóficas apreciadas pela autora acabam por desaguar em uma gramática estética muito mais complexa do que nos intima o recorte singular da forma utópica. Personagens, motivos e reestruturações de temáticas recorrentes em sua obra ganham tonalidades e nuances que partem de uma epistemologia muito particular a Le Guin — formada

⁶ Original: “One of our finest methods of organized forgetting is called discovery”.

⁷ Original: “[...] when a future-oriented culture impinges upon a present-centered one, the method becomes a compulsion. Things are forgotten wholesale. What are the names ‘Costanoan’, ‘Wappo’? They are what the Spanish called the people around the Bay Area and in the Napa Valley, but what those people called themselves we do not know: the names were forgotten even before the people were wiped out. There was no past. Tabula rasa.”.

⁸ Original: “If utopia is a place that does not exist, then surely (as Lao Tzu would say) the way to get there is by the way that is not a way. [...] The major utopic element in my novel *The Dispossessed* is a variety of pacifist anarchism, which is about as yin as a political ideology can get. Anarchism rejects the identification of civilization with the state, and the identification of power with coercion; against the inherent violence of the ‘hot’ society it asserts the value of such antisocial behavior as the general refusal of women to bear arms in war; and other coyote devices. In these areas anarchism and Taoism converge both in matter and manner, and so I came there to play my fictional games”.

por contribuições muito diversas abrangendo do taoísmo e das cosmovisões ameríndias até a confusão propositiva entre *genre* e *gender* derivada de sua relação com o movimento feminista e com a leitura de Virginia Woolf. Pensar Le Guin no Brasil é uma oportunidade de descortinar sua obra para além de um limite ainda não transposto pela crítica. Assim, incentivar a sua tradução no contexto nacional é uma oportunidade de reavaliar nossa relação leitora com o conjunto de uma obra voltada para o gesto constante de rememorar a liberdade conforme o idioma íntimo de sua autora.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

- JAMESON, Fredric. **Arqueologias do Futuro: Um Desejo Chamado Utopia**. Trad. Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the Edge of the World**. New York: Grove Press, 1989.
- LE GUIN, Ursula K. **The Wave in the Mind: Talks and Essays on the Writer, the Reader, and the Imagination**. New York: Shambhala, 2004.
- LE GUIN, Ursula K. Introduction. In: TZU, Lao. **Tao Te Ching: A Book about the Way and the Power of the Way**. Trad. Ursula K. Le Guin. 1. ed. 1997. Boulder: Shambhala, 2019a.
- LE GUIN, Ursula K. **Words are My Matter: Writings on Life and Books**. New York: Mariner Books, 2019b.
- LE GUIN, Ursula K. **The Wind's Twelve Quarters**. Harper Perennial Olive Editions: New York, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- RÜSCHE, Ana. O nome do mundo é floresta. In: SECCHES, Fabiane (org.). **Depois do Fim: conversas sobre literatura e antropoceno**. São Paulo: Editora Instante, 2022.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. Pernambuco: Cepe Editora, 2019.
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Trad. Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

